



A Comunidade Surda em Portugal -

Estudo baseado em amostra de conveniência

MÉTODOS E TÉCNICAS DE INVESTIGAÇÃO - EXTENSIVOS

Sociologia PL

1º Ano - 2º semestre, 2014-2015

Trabalho de grupo elaborado por:

Miguel Lopes – aluno número 69101

Rosa Marques – aluno número 69208

Vera Ramos – aluno número 68971

06 de março de 2015

**1º Capítulo:**

***Objeto, objetivo e método - análise conceptual***

***Objeto de Estudo***: Amostra parcelar – de conveniência – da comunidade surda portuguesa.

***Objetivo:*** Existe ou não uma comunidade surda em Portugal, que pessoas fazem parte desta comunidade; como se relacionam entre si e com a comunidade ouvinte; formas de comunicação; ser surdo é uma deficiência ou uma condição?

***Método:*** Utilização da análise de dados estatística, como método comparativo: aplicação de inquérito, confidencial e tratado em sede de análise de forma individual, a 30 Pessoas – surdos e seus familiares coabitantes, com o objetivo de através de uma análise comparativa, poder estabelecer uma tipologia de hábitos, formas de vida em sociedade e sensibilidades próprias da condição de surdez, num mundo maioritariamente pensado à imagem e semelhança de pessoas ouvintes.

**Apresentação do objecto e objectivos da investigação:**

O objectivo deste estudo apresentou-se-nos como um desafio, desafio esse que passa por tentar conhecer um pouco de uma realidade que, convivendo connosco em sociedade, nos é quase completamente desconhecida, como se de um mundo à parte se tratasse – a realidade dos surdos.

O aprofundamento desse conhecimento passa em primeiro lugar por aferir a existência ou não de uma comunidade surda, se os surdos sentem que fazem parte dessa comunidade, se sentem que têm uma cultura própria, ou se, pelo contrário se sentem integrados na comunidade ouvinte e sua cultura, ou se simplesmente se sentem postos de parte, sozinhos, como se numa prisão vivessem.

Estima-se que em Portugal existam cerca de 120 000 pessoas com algum grau de perda auditiva (incluindo aqui os idosos que vão perdendo a audição gradualmente) e cerca de 30 000 surdos falantes nativos de língua gestual portuguesa (na sua maioria surdos severos e profundos)[[1]](#footnote-1), mas efetivamente demo-nos conta que apesar de os vermos por ai, pelas ruas, pelos cafés, em grupo ou sozinhos, não conhecemos nada das suas vidas: como se sentem, estão ou não integrados na nossa sociedade cheia de sons, como é o seu mundo feito de silêncios? Sentir-se-ão deficientes ou simplesmente com uma condição diferente. Como é o seu acesso à nossa cultura, como comunicam entre si e com os “ouvintes”? a verdade é que, chegados a este ponto, nos damos conta que pouco conhecemos a respeito dos surdos.

Até há uns anos atrás a definição de deficiência auditiva, para o INE[[2]](#footnote-2), era

“*incapacidade parcial ou total para ouvir sons devido a uma lesão do sistema auditivo. O termo "surdo" só deve ser atribuído aos indivíduos cuja deficiência auditiva é de tal forma grave, que não podem beneficiar de nenhum aparelho*”.

Esta definição já não está em vigência, passando agora a vigorar a seguinte:

“*Perda ou anomalia das funções auditivas*”.

Pressupõe-se que a alteração desta definição tenha por objetivo não ser tão redutora, e quiçá, libertar as pessoas, nesta condição, duma rotulagem muitas vezes envolta num juízo de valor negativo, o que contribuiria para uma maior desintegração social. De referir que até há bem pouco tempo atrás, os surdos-mudos eram pessoas denominadas de *idiotas* e na sua tentativa de comunicar provocavam sentimentos de medo no seio das pessoas ditas “normais” e “ouvintes”.

Talvez por isso, ainda hoje em dia se verifique no seio da comunidade surda alguma desconfiança, na sua relação com o outro; fecharam-se sobre si próprios, desenvolveram uma linguagem própria, a linguagem gestual, e demonstram, á priori, pouca vontade de socializar com a comunidade ouvinte. Sintoma deste desconforto será, talvez, a dificuldade que nos deparámos no início do desafio ao tentar obter a participação desta comunidade no nosso estudo.

*Primeira abordagem metodológica:*

Foram várias as iniciativas que levámos a cabo, uma vez que não tínhamos nas nossas relações sociais conhecimento de Pessoas com deficiência auditiva. Paralelamente a uma procura, entre os conhecidos, tentámos essa aproximação por via das várias Associações nacionais e regionais de Surdos, bem como Escolas de linguagem gestual.

 Até agora a recetividade tem sido muito pouca, demonstrando sempre alguma desconfiança, mas com humildade, insistência e uma boa explicação dos nossos propósitos, tanto no nosso círculo de amigos como junto das instituições, começam-se a abrir algumas portas.

Ao iniciar esta pesquisa, verificámos que é prática comum destas Associações de Surdos fazerem os seus próprios estudos através de inquéritos. Nesta nossa pequena investigação, identificámos dois tipos de inquéritos que se juntam a este relatório como anexos: *um dirigido aos pais ouvintes com filhos surdos* e outro dirigido a *filhos ouvintes com pais surdos*. É interessante, pois é no seio familiar que estas duas comunidades se tocam de forma mais marcante, forçando pontes de ligação, pontes essas que se forem suficientemente fortes, serão talvez, o elemento agregador com a comunidade ouvinte em geral.

*Testemunho de Rosa Marques (co-autora):*

*“Um dia destes quando entrei no café junto a minha casa apercebi-me que numa das mesas estava um casal de surdos a tomar o pequeno-almoço.*

*Perguntei ao senhor do café se eram clientes habituais e se por acaso sabia se moravam por ali, ao que me respondeu que não, que o senhor de vez em quando aparecia lá no café mas que não moravam ali.*

*Como não podia deixar passar a oportunidade de lhes falar, perguntei se via algum inconveniente em falar com eles e foi o que tentei fazer. Dirigi-me à mesa e tentei perguntar se estavam disponíveis para comunicar um pouco comigo, mas este processo não foi fácil, eu não sabia como fazer entender-me e optei por escrever.*

*Apresentei-me como sendo uma aluna do ISCTE e que se não fosse inconveniente gostava de lhes colocar algumas questões em virtude de estarmos a fazer um trabalho para a faculdade sobre surdos e as dificuldades com que deparavam no dia a dia tanto eles como as suas famílias, sendo que esse trabalho implicava o preenchimento de um inquérito que eu ainda não tinha.*

*O senhor leu tudo isto, mas como não sabia escrever pediu que desse também o papel à senhora. Até este momento tudo parecia estar bem encaminhado mas quando lhes pedi que facultassem um contacto para lhes poder fazer o inquérito a senhora disse que não era possível facultar o e-mail, mas o senhor mostrou-me um cartão da Associação Cultural de Surdos da Amadora para o poder voltar a contactar.”*

Neste momento e para podermos avançar para o trabalho de campo, podemos contar com duas famílias que desde já se mostraram disponíveis para responder ao inquérito, estando igualmente a aguardar informações do agrupamento escolar Delfim Santos que tanto quanto apuramos tem um núcleo de surdos, não sabendo ainda se só de crianças do 1º e 2º ciclo e/ou de 3º ciclo. Contatámos também a Associação Cultural de Surdos da Amadora, Associação esta que nos informou que deveríamos formalizar o pedido de autorização para efetuar os inquéritos presencialmente uma vez que alguns dos familiares costumam acompanhar os surdos em determinados dias da semana quando este se deslocam até à Associação. Entretanto alertaram-nos para o facto de que os inquéritos muito longos são difíceis de preencher para os surdos em virtude estes não partilharem o mesmo vocabulário.

Estamos igualmente a aguardar o contato de uma professora no Politécnico de Leiria, que tem desenvolvido um intenso trabalho relacionado com a integração de surdos e cegos (legendagem para surdos e cegos), tendo esta sua dedicação advindo do facto de ter um filho surdo.

É este o nosso desafio, a partir de agora. Saber, no terreno, como é que essas famílias sentem esta condição de não ouvir? Aceitam as diferenças promovendo formas de comunicação e integração alternativas? aceitam e incentivam esta cultura própria e rica? Ou, pelo contrário, tentam negar, alterar a natureza, fazendo tudo o que está ao alcance da medicina para integrar estas pessoas no nosso mundo “barulhento”, através, por exemplo da introdução de implantes cocleares?

 O que será que realmente a comunidade surda deseja? Passar a fazer parte da comunidade de ouvintes ou ter esquemas e ferramentas que lhes permitam, mantendo a sua cultura, ser integrada na sociedade, por vezes com soluções tão simples como contar com a colaboração de intérpretes nas atividades culturais do quotidiano; ter acesso a uma educação gratuita nas nossas escolas, com auxílio de professores que dominem a linguagem gestual; os mais pequenos terem acesso a filmes com legendas ou linguagem gestual, da mesma forma que as restantes crianças têm acesso aos mesmos filmes infantis com dobragem?

 Sem dúvida vale a pena pensar em tudo isto e tentar conhecer um pouco mais esta realidade.

É este o nosso propósito.

ANEXOS

notícia do Expresso: [http://expresso.sapo.pt/os-surdos-de-portugal-tem-uma-lingua-gestual-que-e-so-sua=f898269](http://expresso.sapo.pt/os-surdos-de-portugal-tem-uma-lingua-gestual-que-e-so-sua%3Df898269)

blog pessoal com história dos surdos: <http://lingua-gestual-portuguesa.blogspot.pt/search/label/hist%C3%B3ria%20surdos%20Portugal>

site com artigos e opiniões: <http://www.porsinal.pt/index.php?ps=home>

notícia sobre filme: Filhos de um Deus Menor, 1986, realização: [Randa Haines](http://cinema.sapo.pt/pessoa/randa-haines), argumento: [Hesper Anderson](http://cinema.sapo.pt/pessoa/hesper-anderson) [Mark Medoff](http://cinema.sapo.pt/pessoa/mark-medoff):<http://coursejournal_medicina.blogs.sapo.pt/6325.html>

Resumo do livro,  *Vida em Surdina* de [David Lodge](http://www.wook.pt/authors/detail/id/12640), 2009, *Edições* Asa

**A Vida em Surdina**

de [David Lodge](http://www.wook.pt/authors/detail/id/12640)

***Finalista do Commonwealth Writers’ Prize 2009.***

Edição/reimpressão: **2009**

Páginas:**336**

Editor:**Edições Asa**

**Sinopse**

Quando decide pedir a reforma antecipada, o professor universitário Desmond Bates nunca pensou vir a sentir saudades da azáfama das aulas. A verdade é que a monotonia do dia-a-dia não o satisfaz. Para tal contribui também o facto de a carreira da sua mulher, Winifred, ir de vento em popa, reduzindo o papel de Desmond ao de mero acompanhante e dono de casa. Mas o que o aborrece verdadeiramente é a sua crescente perda de audição, fonte constante de atrito doméstico e constrangimento social. Desmond apercebe-se de que, na imaginação das pessoas, a surdez é cómica, enquanto a cegueira é trágica, mas para o surdo é tudo menos uma brincadeira. Contudo, vai ser a sua surdez que o levará a envolver-se, inadvertidamente, com uma jovem cujo comportamento imprevisível e irresponsável ameaça desestabilizar por completo a sua vida.



1. ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE SURDOS. **Informação - Comunidade** [Em linha]. Lisboa: APS. [Consult. 2011] Disponível em WWW:<URL: http://www.apsurdos.org.pt/index.php?option=com\_content&view=article&id=43&Itemid=57> [↑](#footnote-ref-1)
2. DADOS DO INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA EM 2008 [↑](#footnote-ref-2)